

1 Introdução

Esta dissertação de mestrado procurará explicitar a questão (processo /paradigma) da gramaticalização, mediante os princípios e parâmetros que levam à indicação de sua ocorrência. Além disso, procurar-se-ão suas causas possíveis (motivações) e consequências e efeitos (repercussões) linguísticos, numa perspectiva que a contemple de forma sincrônica e diacrônica. Assim, o que se pretende demonstrar é a necessidade de pesquisa pancrônica na análise do fenômeno.

Moura Neves (2004, p. 111), citando Dubois (1985), explica que

[Dubois] chama *metagramática* (parte do que ele denomina *ecologia da gramática*) à abordagem “pancrônica” que descreve e analisa a interação de forças em conflito em determinados contextos e, afinal, prediz a resolução da competição (os grifos são originais).

As “forças em conflito” a que alude Moura Neves citando Dubois serão exatamente as forças externa e interna da gramática (o que adiante, em capítulo próprio, mas também em outras partes do trabalho, estará codividido nas duas teorias básicas da Linguística: o Formalismo e o Funcionalismo), convergindo para uma episteme que leve em conta, como se verá, a necessidade de correlação contínua entre o aludido Funcionalismo (forças externas) e o também citado Formalismo (forças internas), quando da averiguação do fenômeno de gramaticalização¹. Além de apontarem para a questão do uso e do sistema da língua, as mesmas forças em questão apontam para características da sincronia e da diacronia, agasalhando, outrossim, a pancronia a que Dubois faz referência.

Essa relação entre sincronia, diacronia, forma e função está explícita, ainda, em Moura Neves (2004, p.118), dessa vez citando Burridge (1993), por sua vez referindo-se a Lichtenberk (1991), para quem

Uma posição *pancrônica* [...] acentua a interdependência entre o sistema linguístico e o uso, e entre a natureza fluida da gramática e a importância da história para a compreensão da gramática sincrônica; ou, como ainda diz

¹ Na página 119, Moura Neves (op. cit.) reforça a tese da complementaridade entre formalismo e funcionalismo, ao afirmar que “o ajustamento no *nível do código* vem após – às vezes bem após – alterações anteriores no *nível funcional*” (grifamos).

Burridge (op. cit.) em referência a Nichols e Timberlake (1991), enfatiza “a natureza interativa das forças inovativas e idiomatizantes” (p. 144) rejeitando a noção de gramaticalização como um processo que vai para a ossificação, ou idiomatização (grifamos).

Com esse intuito, a presente pesquisa terá duas premissas de estudo: 1) teórica (explorando teorias diferentes sobre o assunto); 2) empírica (estudando casos concretos da ocorrência em língua portuguesa, desde o século XIV até os dias contemporâneos).

Embora o primeiro a propugnar pela questão da mudança linguística por via da transformação ocorrida na gramaticalização – Antoine Meillet, com sua *Linguistique Historique et Linguistique Générale* – tenha-o feito em 1912² (Meillet, 1948 [1912]³) este trabalho partirá de obra posterior, embora quase coetânea, que é o *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure (Saussure, 1974, 1984 [1916]), publicado em 1916.

Uma das partes de maior importância no artigo de Meillet é a seguinte: “L’autre procédé consiste dans le passage d’un mot autonome au rôle d’élément grammatical”⁴. A primeira forma a que Meillet alude é a analogia, que, embora seja, como se verá à frente, uma das formas pelas quais se dá a gramaticalização, não havia sido apontada, no mesmo artigo, como ocorrência do fenômeno, já que ele tratou das formas já regulares, e não das que, na analogia que importa à gramaticalização, levam à regularização, pelo paradigma vigente de uma língua, de formas irregulares ou supletivas, ainda que essa regularização incorra em erro normativo.

O fato, entretanto, de este trabalho começar perquirindo Saussure se explica pelo fato de que a sua obra é considerada o marco dos estudos linguísticos científicos modernos, uma vez que, a um só tempo, estabeleceu a metodologia do Estruturalismo como ancilar à pesquisa do que viria a ser a Linguística, e rompeu a tradição anterior de se estudarem línguas e gramáticas peremptoriamente por métodos comparativos, paronomásicos, o que, para Saussure, era aleatório e pouco empírico.

² No capítulo L’évolution des formes grammaticales (Meillet, 1948 [1912], pp. 130-148).

³ No capítulo desta dissertação Gramaticalização: conceitos fundamentais, traçar-se-á um panorama histórico dos estudos do fenômeno que mostrarão que, antes de Meillet, o assunto já era enfocado, sem ter ganho, no entanto, a nomenclatura, que cabe a Antoine Meillet. O seu precursor mais imediato é Humboldt, em 1822, com obra intitulada Sobre a gênese das formas gramaticais e a influência dessas formas na evolução das ideias (apud Moura Neves, 2004, p.114)

⁴ Tradução nossa: O outro procedimento da passagem de uma palavra autônoma ao papel de um elemento gramatical.

A própria obra de Meillet traz, em seu título, a verve à tendência comparativista aludida, com o adjetivo “Historique”, que, como se verá melhor adiante, era o apanágio dos neogramáticos, com que Saussure rompeu, dando guarida, como se disse, à ciência-piloto do Estruturalismo, e tornando mais objetivos os critérios de se pesquisar, verdadeiramente, a Linguística e sua epilinguagem e metalinguagem.

Desse modo, será importante um adejo sobre como o *Cours* veio à luz, isto é, as suas principais influências filosóficas, intelectivas, epistêmicas. Também será importante sublinhar as rupturas fomentadas pela obra em tela, resumidas acima.

A par da importância desse marco, entretanto, serão brevemente demonstradas, em seguida, as limitações da obra aludida, que não previa a *mudança* linguística (de que a gramaticalização é um dos fatores causadores, ilustrativos e subsequentes) como passível de ser objeto científico da Linguística, uma vez que o sistema de pensamento saussuriano contemplava preferentemente o eixo *sincrônico*, e não o *diacrônico*, e o estudo da *língua* (não pretendendo observar, tampouco, o âmbito da *fala*) como alvo do cientificismo linguístico. Saussure fez isso porque justamente não queria incorrer no estudo atomístico, fortuito, fenomenológico dos seus precursores, os neogramáticos, que, numa parábola de Sartre, aplicada a situação diversa, e aqui parafraseada, estariam como que tentando chegar à unidade acrescentando Algarismos à direita de 0,9 (Sartre, 1943): ou seja, estariam tentando chegar a uma teoria *geral* (daí a obra de Saussure se chamar *Curso de Linguística GERAL*) analisando apenas os *átomos*, as *partes*, que não levariam a um todo coeso e coerente em sua sistematicidade.

No entanto, o excessivo rigor do mestre suíço – que naquele momento era de capital importância para estabelecer com nitidez os critérios científicos do estudo das línguas – abriu azo a que qualquer variação fosse inquinada de atomística, fortuita, metafísica, desimportante. Com esse fator, a língua saussuriana era como uma engrenagem matemático-cartesiana rígida e formada por constantes mecânicas que se interpunham umas às outras numa estrutura formada por um sistema de sistemas, que, a rigor, praticamente eliminava o elemento humano como ator e agente dessa forma de vida que era a língua, já que esse mesmo elemento (humano) só poderia ser considerado enquanto massa unívoca e uníssona de falantes que exercia coerção social sobre o

indivíduo, que, pois, não teria nenhum poder de influenciar a língua na via oposta, senão tão somente seria influenciado por uma língua preexistente quando de seu nascimento. Aqui, com efeito, percebem-se influências de Descartes, Comte e Durkheim no pensamento de Saussure, que serão explicitadas abaixo.

Como contrapartida a essa visão, portanto, procurar-se-á estudar a visão posterior a Saussure, proveniente dos Sociolinguistas Variacionistas e de outras correntes Funcionalistas (incluindo-se os Sociolinguistas Interacionais⁵ e a Pragmática, oriunda de ramos filosóficos⁶) e mesmo Formalistas que aceitem a diacronia e a inserção da fala nos estudos linguísticos, como o Estruturalismo Diacrônico (sobretudo do Círculo de Praga), a visão de Meillet (precursor inclusive da terminologia “gramaticalização”, já em 1912, como se disse e como melhor será apresentado abaixo), de Jakobson, de Benveniste, de Coseriu, de Traugott, de Givón, de Ducrot, de Martinet, de Vendryès, de Tarallo, de Pretti, de Schlieben-Lange.

Assim, serão cotejadas algumas definições e exemplos de gramaticalização segundo os pontos de vista eminentemente Formalista e Funcionalista (uma das partes teóricas deste trabalho), para chegar-se à conclusão de que, em gramaticalização, ambos são complementares. Para isso, do ponto de vista do estudo empírico a que se propõe esta dissertação, vai-se a exemplos do século XIV em diante, como se disse, sobretudo, naquele momento, com o processo de variação, por via de gramaticalização, ocorrido na mudança gradativa de categoria gramatical dos verbos “ter” e “haver” na formação de sequências verbais denominadas de “tempos compostos”, e como a mudança se deu nesse período. Para além dessa data, serão analisados casos que demonstram que o processo de gramaticalização é uma constante na língua, desde há muito, e que a própria estrutura da língua encontra subsídios para sua existência na mudança, não na estaticidade.

Em outras partes da dissertação, portanto, serão analisados textos da literatura ou da imprensa escrita em língua portuguesa dos séculos seguintes,

⁵ Pesquisadores há que mencionam uma Sociolinguística Quantitativa ou Dinâmica (que será explicitada abaixo), como Tarallo (1999, p. 88).

⁶ Como se verá, os processos de metáfora e metonímia, quando geradores de gramaticalização, provêm de motivações discursivas pragmáticas que permitem entreverem-se inferências convencionais e conversacionais (cf. Grice, 1989), e, portanto, estabelecem que a prática da língua, o discurso, a língua em uso é o elemento propulsor dos processos de mudança. A metáfora e a metonímia como elementos de gramaticalização serão estudadas abaixo.

não se deixando de observar algumas manifestações contemporâneas de língua escrita e, até, falada.

Com isso, pretende-se mostrar, em diversas partes desta dissertação, que as perspectivas *sincrônica* e *diacrônica* são pertinentes ao estudo linguístico, numa visão *pancrônica*, que aborda as mudanças e as variações de um modo científico, e não meramente fenomenológico ou atomístico, passíveis, pois, de sistematização e de explicação segundo os métodos da ciência linguística balizada preliminarmente no construto e na metodologia de Ferdinand de Saussure. Assim, por exemplo, ao serem analisados casos de processo de gramaticalização ocorrendo nos dias atuais, será possível demonstrar que a mudança, proveniente, sobretudo, da fala, e que foi considerada como não científica por Saussure, participa ativamente do processo de construção da estrutura e do sistema de uma língua.

Pesquisadores da história da língua, como Said Ali (1964), Bomfim (2002), Câmara Jr. (1978), Cunha (1997), Cintra (1954), Chaves de Melo (1975), Silva Dias (1933 [1917]), Bechara (1985), Marouzeau (1922), Oiticica (1940), Marie-Louise Sjoestedt (1926), Meillet & Vendryès (1948) apontam para a mudança diacrônica dos usos discursivo e das funções gramaticais de diversos itens no idioma.

A divisão das fases na língua portuguesa, por exemplo, foi indicada por Bechara (1985, pp. 50-69), citando como precursores Antônio das Neves Ferreira, Adolfo Coelho, M. P. da Silva Júnior, José Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, A. E. da Silva Dias, Manuel Said Ali e Paul Teyssier, da seguinte maneira:

- 1) Arcaica – do século XIII ao final do século XIV
- 2) Arcaica-Média – da primeira metade do século XV à primeira metade do século XVI
- 3) Moderna – da segunda metade do século XVI ao final do século XVII
- 4) Contemporânea – do século XVIII aos nossos dias.

Por essa razão, a sincronia da *langue*, prevista pelo mestre genebrino como única possibilidade de estudo científico, encontra-se com a diacronia da *parole*, formando um todo sistêmico e estrutural que se constrói conjuntamente, amparado sobre situações linguísticas dinâmicas de produção discursiva

pragmática (Levinson) que criam novos paradigmas a partir de sintagmas que se modificam constantemente para os atos de fala (cf. Gumperz, Austin, Searle).⁷

Isso porque a língua não constitui um *corpus* hermético, de rigidez imutável, mas, antes, espaço biopsicossocial em que o discurso e sua produção, existentes mercê da interação real, ensejam necessidade de análise das mudanças contínuas por que passa um idioma (Henriques & Simões, 2007), que serão, pouco a pouco, assimiladas tanto no compêndio normativo lexical do idioma (o dicionário), como, também, no seu compêndio normativo gramatical (a gramática, caso este que interessa mais profundamente a esta dissertação).

Por isso, a fluidez semântica, sintática, fonológica, morfológica, presente no dia a dia da língua e de seu uso, vai, gradativamente, passando a encontrar correlatos timbrados nos baluartes normativos a que se aludiu. Tal mudança, e consequente registro no idioma, constitui a dinamicidade da língua. Por essa razão, a postura do pesquisador, no que tange aos estudos da língua, deve agasalhar atitudes investigação pancrônica, que, a um só tempo, proveem o estudo de comprovação e de métodos de perquirição de sucessivos “estados de língua” (cf. Saussure, 1974, 1984 [1916]) que não cessam de ocorrer.

⁷ Coseriu diz: “A língua não é érgon, é enérgon”.